

WANILTON DUDEK

HISTÓRIA, TEORIA E O PARADIGMA DOS ANNALES:

método histórico e ciências sociais



EDITORA
SCHREIBEN



WANILTON DUDEK

**HISTÓRIA, TEORIA E
O PARADIGMA DOS
ANNALES:**

MÉTODO HISTÓRICO E CIÊNCIAS SOCIAIS



EDITORA
SCHREIBEN

2024

© Do autor - 2024
Editoração e capa: Schreiben
Imagem da capa: master1305 - Freepik.com
Revisão: o autor
Livro publicado em: 01/02/2024

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (URI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D845h Dudek, Wanilton
História, teoria e o paradigma dos Annales : método histórico e Ciências Sociais. / Wanilton Dudek. – Itapiranga : Schreiben, 2024.
57 p. ; e-book.

E-book no formato PDF.
EISBN: 978-65-5440-213-2
DOI: 10.29327/5362899

1. História. 2. Historiografia. 3. Annales. I. Título.

CDU 94

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
PREFÁCIO.....	7
INTRODUÇÃO.....	9
1 PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA E O TEMPO HISTÓRICO.....	12
1.1 DEBATES INICIAIS.....	12
2 A HISTÓRIA OBSERVADA: DE HERÓDOTO À MARX.....	15
2.1 A HISTÓRIA EM SEU TEMPO.....	15
2.2 CLIO NA IDADE MÉDIA.....	18
2.3 NO TEMPO DAS LUZES.....	20
2.4 O SÉCULO XIX: POSITIVISMO, MARXISMO E AS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	21
3 MARC BLOCH E LUCIEN FEBVRE: OS FUNDADORES.....	24
3.1 OS FUNDADORES DOS <i>ANNALES</i>	24
4 OS <i>ANNALES</i> EM PERSPECTIVA: A 1ª GERAÇÃO.....	30
4.1 DEBATE INICIAL DOS ANNALES: HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS.....	30
4.2 DURKHEIM.....	31
4.3 FRANÇOIS SIMIAND E HENRI BERR: A CIÊNCIA SOCIAL-HISTÓRIA.....	34
4.4 SÉCULO XX: O SURGIMENTO DOS <i>ANNALES</i>	38
4.5 OS <i>ANNALES</i> NO TEMPO DE BLOCH E FEBVRE.....	43
4.6 A HERANÇA.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53

RESUMO

Esta obra é uma reflexão teórica que tem como objetivo analisar as mudanças ocorridas na historiografia a partir da fundação da revista francesa dos *Annales*, tendo como foco principal de estudo as influências de Marc Bloch neste processo, um de seus fundadores. O debate que proponho está intimamente ligado às perspectivas que norteiam a pesquisa e a produção historiográfica. Nesta iniciativa, ao estudar Marc Bloch e os *Annales*, percebi a necessidade de enquadrá-los nas variáveis em que os procedimentos historiográficos estão inseridos através do tempo. Portanto, os estudos tomaram a seguinte direção: o que diferencia um modelo historiográfico do outro? E suas técnicas, o que podemos dizer delas? Julgo relevante, então, para compreendermos as transformações ocorridas nos mais diferenciados campos de análise histórica, observar as diversas instituições e correntes de pesquisa que se propõem a estudar as ações humanas através do tempo. Parto, então, do pressuposto que a História sempre esteve em constantes revoluções em seus métodos, desde a sua origem grega até os tempos atuais, e estas revoluções deixam marcas que se fazem distinguir umas das outras, de acordo com a necessidade do saber de uma determinada sociedade. O presente trabalho destaca, também, a grande influência da sociologia na História. A partir do fim do século XIX, sociólogos durkheimianos direcionaram duras críticas à História tradicional, tida como positivista. Essas críticas, que tomaram as páginas da *Revue de Synthèse historique*, dirigida por Henri Berr, no princípio do século XX, tornaram-se importantes referenciais teóricos para a formulação do discurso da revista dos *Annales*, em 1929, que tinha por objetivo a interdisciplinaridade com as ciências sociais e o rompimento com o modelo positivista dominante da época. Por fim, este trabalho desenvolveu debates entre diferenciados fundamentos teóricos, preestabelecidos, que deram origem a uma nova maneira de se observar o estudo na disciplina histórica, com a revista dos *Annales* e seu co-fundador, Marc Bloch.

ABSTRACT

The presented study is a theoretician reflection which has as objective to analyze the changes happened in the historiography since the foundation of the *Annales* magazine, having as main focus of study Marc Bloch, its most legitimate founder. The debate I propose is intimately linked to the perspectives which orientate the historical research. In this initiative, studying Marc Bloch and the *Annales*, I noticed the necessity of fitting them in the variables in which the historiographic procedures are inserted through the times. Therefore, the studies took the following direction: what differentiate a historiographic model of the other? And its techniques, what can we say about them? So, I judge relevant that, to comprehend the transformations happened in the most different fields of historical analysis, we need to observe the several institutions and currents of research that propose to study the human actions through time. I start, then, from the premise that the History has always been in constant revolutions in its methods, since its Greek origin until the actual times, and its revolutions leave signs which distinguish themselves of each other, according to the anguish of knowing of a determined society. The present work either stands out the great influence that sociology made in History. Since the finish of the 19th century, sociologists Durkheimians directed hard criticisms to the traditional History, seen as positivist. These criticisms, which took the pages of the *Revue de Synthèse Historique*, directed by Henri Berr, in the beginning of the 20th century, became important theoretician references for the formulation of the speech of the *Annales* magazine, in 1929, which had as objective the interdisciplinarity between the social sciences and the rupture with the positivist model dominant in the epoch. Finally, this work developed debates between the differentiated theoretician fundamentals, pre-established, which originated a new way of observing the study in the historical discipline, starting in France, beginning of the 20th century, with the *Annales* magazine and its co-founder, Marc Bloch.

PREFÁCIO

No final da década de 2000 produzi este texto para minha conclusão de graduação no curso de Licenciatura em História pela antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, Paraná, hoje Universidade Estadual do Paraná, Campus de União da Vitória, onde retornei como professor. Depois das experiências na pós-graduação pesquisando as questões do nazismo, fascismos e suas implicações globais nos anos 1930 e 1940, revisitei meu primeiro trabalho acadêmico consistente onde debati em que condições e para que surgiu a Escola dos *Annales*. O texto é relativamente curto, mas muito objetivo e basilar para a compreensão dos pilares em que estão centrados a disciplina histórica.

É corrente o questionamento a cerca do papel do historiador no debate social. Por vezes jornalistas, cientistas sociais, comentadores ou simplesmente “faladores” tomam o lugar no debate público que deveria ser cativo dos historiadores: falar sobre História. Isto se deve a uma conjunção de fatores, a começar pelo discurso erudito pelos quais geralmente os historiadores buscam se comunicar, o que é perfeitamente compreensível, dada a complexidade do fazer historiográfico. Mas também é possível refletir sobre as condições em que o historiador produz seu trabalho. Me refiro aqui a sua relação direta com a realidade que o cerca, ou seja, o contexto em que está inserido. Neste sentido, ao revisitar as reflexões que fiz sobre os paradigmas prepostos pelos fundadores da Escola dos *Annales* nos anos 1920, julguei novamente necessário externalizar as indagações levantadas por Marc Bloch e Lucien Febvre no debate intenso com intelectuais de sua geração, sobretudo com aqueles que criticavam o papel dos historiadores naquele período, como se estivessem desconectados com a realidade social que os cerca.

Meu objetivo jamais foi a de lançar críticas aos historiadores do presente, nem quando escrevi a primeira vez, e muito menos agora ao revisitar e publicar este texto. Trata-se apenas de uma breve reflexão sobre como o passado estudado pelo historiador está sempre conectado ao

presente. Seja pelas escolhas dos objetos ou pelos métodos adotados. Por isso, para produzir História, se faz necessário se alimentar das fontes, dos métodos e da realidade que nos cerca, de forma urgente.

União da Vitória,
12 de dezembro de 2023.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, discuto a contribuição dos historiadores franceses Marc Bloch e Lucien Febvre para a revolução ocorrida no modo de se fazer História no início do século XX. É preciso dizer que a criação da revista dos *Annales*, na qual eles se envolveram, foi decisiva para a exposição e discussão de novas ideias acerca dos procedimentos historiográficos. As suas participações no debate público sempre foram decisivas, bem como nesse movimento, o que me chamou a atenção¹, pois Bloch e Febvre revolucionaram a maneira de ser dos historiadores que lhe seguiram. Marc Bloch tornou-se referência para a maioria dos historiadores posteriores a ele. Eis uma passagem do historiador francês Jacques Le Goff:

Esforçando-me por ser o discípulo póstumo – já que infelizmente não pude conhecer Marc Bloch – desse grande historiador, cuja obra e idéias foram para mim, e continuam sendo, as mais importantes em minha formação e minha prática de historiador (...)²

Analistas da obra de Bloch dizem que ele foi o primeiro dos novos historiadores. Um deles, José Carlos Reis³ diz que foi “Bloch quem de fato rompeu com o tempo-histórico, e deixou-se influenciar de maneira exclusiva pelas ciências sociais”. Em Bloch, os heróis da História são as expressões do momento, e o debate que recai sobre eles reflete o escopo social. Neste sentido, a sociedade é que deve ser analisada e não o indivíduo isolado. Diferente de Febvre, que vai direto ao grande evento, Bloch procurou amenizar o papel do sujeito atuante e analisa as estruturas onde o evento acontece, ou seja, aponta a raiz do problema.

1 O termo movimento dos *Annales* foi empregado por Peter Burke na obra *A revolução francesa da historiografia* onde ele faz um apanhado geral do que foi os *Annales* desde seu surgimento em 1929 até 1989. Esta obra tornou-se referência para os estudos competentes a teorias da História.

2 LE GOFF, J. In: BLOCH, M. **Apologia da História ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar 2002. p. 16.

3 REIS, 1994, 0p.46.

Mas tanto Bloch como Febvre sempre partiram de uma perspectiva interdisciplinar, por exemplo, a fusão da História com outras disciplinas como: geografia, sociologia, psicologia, economia. É preciso apontar que essa aproximação com outras ciências ou áreas de conhecimento auxiliou na escrita da História praticada pelos *Annales*. Ambos partem também de uma História-problema, mas seguiam alguns caminhos diferentes. “O compromisso de Bloch com a geografia era menor do que de Febvre, embora seu compromisso com a sociologia fosse maior” (BURKE, 190,27).

Este texto está inserido no debate de como a disciplina histórica passou por mudanças em seus métodos e lançou novos olhares para temas de pesquisa, a partir da expansão das ideias dos franceses dos *Annales*. O foco central está na fundação da revista *Annales d'Historie économique et sociale*, surgida na França, em 1929, fruto da reunião de um grupo de historiadores influenciados por diversas áreas das Ciências Sociais. No intuito de clarear e traçar um caminho de análise que de conta de entender o que representou esta revista para a historiografia apresento aqui uma espécie de “História dos historiadores”, desde o surgimento da História enquanto objeto de estudo na Grécia Antiga, com Heródoto, passando pela Idade Média com a historiografia clerical, o Positivismo, o Marxismo na História e os *Annales*, no princípio do século XX.

Na primeira parte, intitulada *Produção Historiográfica e o Tempo Histórico*, procurei colocar os debates iniciais que norteiam a minha pesquisa. Estes debates estão contidos em número considerável de artigos escritos por teóricos da disciplina histórica. A primeira questão que está contida no texto gira em torno da observação da mudança temporal que caracteriza a ordem a ser direcionada, de maneira abstrata, nos discursos que construíram as pesquisas e escolas historiográficas, sendo assim, diferenciando-as durante o tempo. Veremos ainda, nesta parte, como a História assume novos problemas a partir das perspectivas variadas do tempo-histórico.

Pensando em possibilitar a compreensão do que foram estas variações teórico-metodológicas que a História⁴ obteve ao passar dos tempos, é o que me propus a fazer na segunda parte, *A História Observada: de Heródoto*

4 Quando me refiro a “História”, estou sempre buscando a referencia enquanto disciplina, ou até mesmo ciência, pois esse é meu objeto de estudo a fim de clarear as relações de seus métodos. (N. A.)

a *Marx*. Aqui questiono como e por quem a História foi escrita desde a Grécia antiga até o século XIX. Veremos, então, na segunda parte como Heródoto rompe com os gêneros literários épicos, que tratavam sempre de mitos, ao escrever a História dos gregos e dos bárbaros, e dar-lhes um caráter de investigação histórica e preocupando-se com o tempo-histórico. Ainda nesta parte, trabalho a escrita da História em Roma como força de legitimação do Império que se conquistou; a narrativa historiográfica na Idade Média sob a influência da Igreja Católica, e, por fim, abro uma discussão entre o Marxismo e o Positivismo, ambos como influência para a historiografia do século XIX. Tornou-se mister estas explicações, ao passo que meu objetivo é o de apresentar, ou simplesmente mostrar, como surge a Escola dos *Annales* a partir das perspectivas historiográficas de Marc Bloch e seus co-fundadores. Portanto, não tenhamos dúvida que a Escola dos *Annales*, além de agregar novos conceitos metodológicos para a historiografia, também manteve muitos dos conceitos que se fizeram presentes nas demais escolas históricas, os quais são abordados nesta obra.

Na terceira parte, faço uma estreita biografia da vida e a obra de Marc Bloch. Minha intenção não foi narrar as suas realizações do prisma universitário ou intelectual, pois ao escrever sobre a Escola dos *Annales* automaticamente faço uma descrição do que foi a vida intelectual deste historiador, podemos dizer que a História dos *Annales* se confunde com a de Marc Bloch. Trataremos, então, na última parte, o que foi a Escola dos *Annales* e sob quais pensamentos ela se materializou, na medida em que a sociologia durkheimiana influenciou os pensamentos de seus fundadores, sobretudo Bloch, e os métodos da História alargaram-se as demais ciências sociais.

Proponho-me, portanto, observar o passado de nossa disciplina, a História, a fim de compreender melhor o seu sentido. Meu enfoque parte de perguntas simples sobre os métodos: como a História surgiu? De que maneira os historiadores agem perante o tempo-histórico? Minha sugestão é que comecemos por etapas, observando as várias faces da história, desde a Antiguidade até a conjuntura dos *Annales*.

PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA E O TEMPO HISTÓRICO

“Ciência dos homens”, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: “dos homens, no tempo”. O historiador não apenas pensa “humano”. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração.
(Marc Bloch, *Apologia da História ou o ofício de historiador*)

1.1 DEBATES INICIAIS

As questões que permeiam o debate que proponho estão intimamente ligadas aos paradigmas que norteiam a pesquisa histórica. Neste sentido, ao estudar Marc Bloch e Lucien Febvre, notei a necessidade de enquadrá-los no que o historiador Jacques Le Goff chamou de “culturas históricas”⁵. Isto porque as teorias sofreram reformulações e os procedimentos historiográficos mudaram significativamente através dos tempos. É preciso, portanto, fazer uma História da História.

O questionamento só poderia tomar uma direção: o que diferencia uma escola ou um modelo historiográfico do outro? E quanto às técnicas, o que dizer delas? Definem-se, então, como uma diferença de métodos aplicados para a escrita do discurso histórico, novos objetivos, novas técnicas e, conseqüentemente, o que é natural, novas fontes historiográficas. Dessa forma, as instituições e as obras de inúmeros autores são fundamentais para compreendermos as transformações, os novos pontos de vista e aqueles que foram deixados de lado. Nesta perspectiva, é preciso revolver o campo da pesquisa e verificar suas utilidades, suas aplicabilidades para determinado problema que se quer investigar. Mas este seria apenas o lado mais visível do método, em que podemos facilmente nos ater e aplicá-lo.

5 LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

Podemos perceber na obra de José Carlos Reis, *Escola dos Annales - A inovação em História*, que a profunda diferença entre o que é uma escola “nova” ou “ultrapassada” ou entre qualquer viés historiográfico e a “representação do tempo-histórico”. Uma escola só se apresenta como “nova” quando produz uma “nova” maneira de estudar e interpretar o tempo ou as realizações humanas no tempo. E dentro destas discussões, percebemos que os paradigmas historiográficos passam por variadas mudanças em sua episteme. Aqui é preciso demarcar que o “tempo-histórico”, ou seja, o do historiador, sofre interpretações distintas e por vezes ambíguas⁶.

Ao manter um diálogo mais denso com as ciências sociais, a História passou por transformações efetivas nos seus modelos de análises. Ocorreu modificações em seus procedimentos que determinaram toda a produção historiográfica que se seguiu. Neste sentido, cabe questionar: será que o aspecto mais claro das transformações na disciplina está relacionado ao fato de que os historiadores analisam o mundo de uma maneira mais estrutural, muito mais resistente à mudança? Isso leva à seguinte constatação: o tempo histórico está mais constante, com uma permanência mais longa, com maior abrangência social. Isto é constituído a partir de observações de ações coletivas, massivas, que se estendem de maneira eficaz nos estudos sobre as estruturas que explicam as sociedades.⁷ O modo de produzir estas análises mais abrangentes, que ampliaram de forma significativa as possibilidades de se pensar nos “problemas” da História tornaram a disciplina mais objetiva, isto é, a História trata, a partir desse processo, dos temas que dialogam com as questões da alteridade, hibridismo cultural, das conexões, das comparações, ou seja, direto ao ponto de seu enfoque: o próprio ser - humano em suas relações no tempo e com o tempo. Esse é um dos aspectos mais revolucionários da “nova” História, onde os estudos do cotidiano, dos movimentos constantes, marcado pela repetição, dos costumes, nos trouxe um conhecimento quantificado, pragmático e problematizante da História.

A História passou a se interessar por todas as atividades humanas, ou seja, tudo o que existe tem um passado, daí a expressão *História total*.

6 REIS, José Carlos, 2000.

7 BRAUNDEL, Fernand, 1949.

Existe uma notável preocupação dos historiadores, a partir da primeira metade no século XX, em apresentar a História com temas que antes não pareciam nem fazer parte deste mundo. Como por exemplo, a História das mulheres, a História dos livros, leitores e autores, História da música; e tantos outros tópicos, como o corpo, as ideias, as mentalidades, o clima, o meio ambiente (a chamada eco-História), a morte, a loucura e, até mesmo, a sujeira, o cheiro, o gosto.

Outro exemplo de novas abordagens para a produção historiográfica está relacionado ao cotidiano, descrito por muitos historiadores como a única História verdadeira, o que chega a ser um exagero, pois o historiador passava a colocar em segundo plano suas obsessões pelo absoluto. A expressão foi usada na primeira metade do século XX, em uma série lançada por editores franceses, *La vie quotidienne*⁸. Uma das grandes contribuições para o tema pode ser verificada na obra de Michel de Certeau, denominada “A invenção do Cotidiano”. Ela traz várias reflexões cuja ênfase recai nos entrelaçamentos da História e sociologia.⁹

Observaremos, então, como são importantes as influências de outras ciências direcionadas ao estudo dos comportamentos sociais; como a economia, a sociologia, a psicologia, a geografia e outras foram importantes para os desdobramentos teórico-metodológicos. Os seus resultados mudaram as diretrizes do pensamento historiográfico, formando, então, várias “Escolas”.

Para compreendermos como estas mudanças se estabeleceram, criando paradigmas historiográficos com os quais temos contato, tornou-se necessário retroceder às suas premissas. Em outros termos, foi preciso construir aqui uma breve “História da história”, tratando de analisar como a História caminhou para estas mudanças paradigmáticas. Neste sentido é o que farei a seguir.

8 BURKE, P. Abertura: A nova História, seu passado e seu futuro. In: _____. **A escrita da História, novas perspectivas**. São Paulo: UNESP. 1992. p.23.

9 CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro, ed. Vozes. 1996.

A HISTÓRIA OBSERVADA: DE HERÓDOTO À MARX

Uma ciência, entretanto, não se define apenas por seu objeto. Seus limites podem ser fixados, também, pela natureza própria de seus métodos. Resta, portanto nos perguntarmos se, segundo nos aproximemos ou nos afastemos do momento presente, as próprias técnicas da investigação não deveriam ser tidas por essencialmente diferentes. Isto é colocar o problema da observação histórica.
(Marc Bloch)

2.1 A HISTÓRIA EM SEU TEMPO

Os discursos históricos tiveram sempre vários estilos e formas. É digno de nota, o pendor pela memória, análise de antiquários, narrativas geracionais, entre outras. Contudo, o caráter predominante até o início do século XX foi o caráter político e militar. Cabia à História e seu mais ilustre escudeiro, o historiador, reverenciar o Estado, os grandes feitos de ilustres personagens. Era de bom tom a quase todos os historiadores tratarem muito bem os líderes militares ou reis enaltecendo-os, criando uma espécie de celebração junto às comunidades e à população. Esta História, de cunho estritamente político, predominou por muito tempo junto a métodos de pesquisa fundamentados no “Positivismo”.

O que se observa é que com a ascensão do Iluminismo, movimento que confrontou a igreja católica de sua época e enfatizava a razão como centro das ideias, alguns historiadores passaram a pensar por outras linhas e métodos para produzirem suas pesquisas. Poucos, é verdade, consideravam a História como uma ciência para o homem. E isto significava dizer que os homens eram considerados plenamente designados pela providência divina. Do camponês ao rei, a existência passava a ser consagrada com algo naturalizado, como devia ser.

Pensando de modo contrário, é como se todas as ações humanas não fossem dignas de uma pesquisa histórica.

Veremos, então, que a historiografia sempre foi revolucionária e sua existência marcada por contribuições consideráveis, mas não sem novos problemas. Se as correntes historiográficas se modificaram por dentro, a sua própria existência levava mudanças de paradigmas na forma de entender a sociedade e seus documentos, os quais, por sua vez, vieram a atrelar-se ao cotidiano dos seus personagens e escritores.

A História como objeto de estudo tem seus princípios na Grécia do período clássico. Heródoto que viveu cerca de 480-420 a. C é reconhecido como primeiro pensador a escrever sobre a *História*. É autor da obra *Histórias* ou *Investigações*¹⁰, que se inicia da seguinte forma:

Heródoto de Halicarnasso apresenta aqui os resultados de sua investigação (*historie*), para que o tempo não apague os trabalhos dos homens e para que as grandes proezas, praticadas pelos gregos ou pelos bárbaros, não sejam esquecidas; e, em particular, ele mostra o motivo do conflito que opôs esses dois povos¹¹.

Para o historiador francês François Dosse, a história nasce de uma emergente necessidade das sucessivas rupturas com o gênero literário, em torno da busca da verdade¹². Heródoto tem sido o mentor desta ruptura, marcada pelas características de seu tempo e lugar onde vivia o século V a.C. Observamos, então, que Heródoto já estava preocupado em delinear os fatos de maneira a que pudéssemos fazer uma análise dos “problemas” que a História vinha vivenciando, opondo-se ao mito.

Em contrapartida, no século V a.C., tanto a filosofia quanto a poesia grega não tratavam de eventos com personagens reais, mas sempre usando arquétipos, e estes eventos eram narrados de maneira a não localizá-los em um tempo palpável. O poeta preferia “não ter visto”, mas sim “ter ouvido falar”, usando personagens como modelos para mitos que poderiam ser usados como exemplos para um uso posterior. O filósofo, apesar de se opor aos mitos, preservava seu sentido anti-histórico, enfatizava o metafísico,

10 Títulos modernos dados ao seu texto.

11 HARTOG, F. Heródoto. In: BURGUIÈRE, A. (Org.). **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro: Image, 1986. p. 376.

12 DOSSE, F. **A História**. São Paulo, EDUSC. 2000.

voltada para as ideias eternas. O “problema” da poesia épica e da filosofia estava relacionado a perguntas do tipo: “quem somos?”, “onde estamos?”, “para onde vamos?”, “como poderemos obter a salvação?”.

No mito, as ações humanas tornam-se modelos. Os artistas, poetas criam arquétipos de heróis, e seus feitos em outrora nem sempre eram associados a um tempo-histórico. Mas é notável que os filósofos não deixaram de fazer inesquecíveis reflexões sobre as ações humanas, registradas em ótimas obras e pensamentos sobre a ética, a moral, a política. Contudo, a perspectiva era a das “ideias eternas”. Anti-histórico, portanto, o pensamento grego mítico-poético e filosófico não tratava do temporal, tempo transitório, da mudança, da sucessão. A sua atenção era voltada para o *eterno*. Eles preferiam Homero a Heródoto. “Aristóteles desprezava a nova criação grega, a ‘ciência dos homens no tempo’ e seu criador, segundo ele, o contador (para muitos o mentiroso) Heródoto”¹³.

Outro grego, Tucídides (460-395 a. C), por outro lado, surge como um discípulo de Heródoto. Quando criança costumava ouvir com atenção suas narrativas. Apesar desta apreciação, o discípulo ataca seu mestre. Tucídides desqualifica a obra de Heródoto, taxando-o como mitólogo. Para ele, Heródoto construía fábulas para preencher as lacunas documentais que lhe faltavam. A partir de então, a verdade torna-se a razão de ser da História e Tucídides a coloca no centro de seu método. Portanto, Tucídides procura uma maneira de aperfeiçoar o método histórico, gerando assim um amadurecimento do gênero histórico. O historiador Philipp Tértarti, escrevendo sobre Tucídides, coloca o seguinte: “Lega, portanto, um método: criticar as fontes, restabelecer os fatos, organizá-los analisando-os.”¹⁴

Roma também acabou “emprestando para si” os métodos construídos pelos gregos. E que o que se desenvolveu foi um caráter utilitário, em que a História passa a ser uma ferramenta para a legitimação do Estado romano. A História apresenta-se aí com intenção moral e ufanista. Roma é seu personagem central. O Estado passa a controlar o discurso; a História passa ser um instrumento para revigorar a moral, e se torna uma grande

13 REIS, J.C. *A escola dos annales, a inovação em História*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

14 TÉRTARTI, P. *Pequena História dos historiadores*. Bauru, EDUSC, 2000.

arma pedagógica. Temos como exemplo Tito Lívio, historiador romano que viveu de 64 a.C a 17 d.C. Apesar de ter escrito várias obras filosóficas, dedicou boa parte de sua vida para escrever sua monumental *História de Roma*, que vai das origens ao ano nove a.C., vejamos esta introdução:

O que a História oferece de salutar e de fecundo está nos exemplos, instrutivos e de toda a espécie, descobertos à luz da obra: encontram-se modelos a seguir, tanto para o bem próprio como para o país a que se pertença; encontram-se ações vergonhosas, a serem evitadas, tanto pelas suas causas pelas suas consequências. De resto, se é que não me deixo levar pela paixão do meu empreendimento, jamais houve Estado de maior grandeza, mais puro, mais rico em bons exemplos, jamais qualquer povo foi durante tão longo tempo inacessível à cupidez e ao luxo, ou guardou de maneira tão duradoura e profunda o culto da pobreza e da economia (quanto ao povo romano).

As marcas com que historiadores romanos construíam suas narrativas estavam intimamente ligadas ao poder público de Roma, ou seja, percebemos o grande cuidado com que Tito Lívio construiu esta introdução, de maneira que o Estado e o poder romano sejam exaltados e engrandecidos através de suas palavras. Tito Lívio costumava juntar História e mito, fazendo com que os romanos celebrassem as suas origens, tendo orgulho delas. A República e o Império Romano soube, de maneira extremamente eficaz, construir seus discursos e narrativas históricas com erudição, para qualificá-la a suas conquistas.

2.2 CLIO NA IDADE MÉDIA

A História, desde o princípio, vivencia e sofre as transformações em seus métodos, de maneira que precisou se adaptar às suas amplitudes analíticas e aos *problemas* que lhe foram agregados pela própria sociedade. Na Idade Média, a produção historiográfica ficava longe daquele sentido eterno de que os gregos falavam. Com a ascensão do cristianismo e a queda do Império Romano, a História humana levou em conta a *Criação* e seu principal elemento o caráter temporal: o tempo da sociedade e o tempo divino. Sob a influência de Santo Agostinho, a Igreja direcionou a História para um fim celestial, um “encontro com o Deus que outrora já havia estado na Terra”. É o período em que a produção literária é avidamente

direcionada à vida de santos, relatos de milagres ou listas episcopais. Estes modelos estabelecidos no medievo têm um grande papel na legitimidade da instituição clerical; surgiram com mais clareza, os papéis da família, da religião (mantenedora da moral), como o grande e “perfeito” modelo de cidadania e existência. O período Carolíngio é repleto de narrativas acerca de investidas *vikings* em mosteiros e Igrejas europeias, momentos em que as comunidades monásticas tinham que fugir com suas relíquias.¹⁵ Portanto, a historiografia da Idade Média é repleta de anais e crônicas, com a função de narrar os feitos e acontecimentos em torno do mundo secular e profano, sempre a partir dos olhos do Clero.

Autores como G. Bourd é e H. Martin invocam as razões para que esta História na Idade Média fosse tão pouco explorada, no sentido da interpretação dos objetos. Podemos apontar os contingentes (citado como “a mediocridade intelectual de muitos cronistas”) ou as instituições, que usavam a História somente como apoio para ajudar na exegese das escrituras sagradas.¹⁶ Por muitas vezes, o gênero hagiográfico¹⁷ exerce uma forte influência na historiografia medieval, e passam a se confundir à medida que caminham juntos. Os dois gêneros, a hagiografia e a historiografia, estão preocupados em instaurar estudos a cerca do tempo, fazem uso de datas, locais e outros elementos que os interligam na maneira estrutural. Mas apesar destas semelhanças, existem diferenças estruturais entre os gêneros.

A hagiografia, de fato, não se preocupa em narrar fatos verdadeiros¹⁸, mas sim “constituir” verdades a cerca do divino e do maravilhoso, rodeando-os de todas as garantias que lhes queira desejar. Os historiadores, como já vimos anteriormente, definem a História como um relato verdadeiro baseado na cronologia. Segundo o historiador Jean Glénisson, do ponto de vista da técnica, a História tende até mesmo a regredir na Idade Média. Para

15 BOURDÉ, G. MARTIN, H. **As escolas históricas**. Portugal, Fórum da História. 1983.

16 (ibid) p. 16.

DOSSE, F. **A historia**. São Paulo, EDUSC. 2000.

17 Encontramos definições para o termo hagiografia no dicionário melhoramentos: “biografia e História dos Santos”. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo. Melhoramentos. p.258.

18 Podemos perceber grande semelhança desta historiografia de gênero hagiográfico com a filosofia e poesia grega do século V a.C, ver página 6.

ele, este período foi extremamente carente de historiadores com grandes habilidades; encontramos, sim, grandes compiladores e cronistas¹⁹. Ainda em Glénisson, o progresso historiográfico recomeça com o Renascimento cultural no século XIV, e a época clássica, tratada como “tempo das luzes” por Dosse²⁰, da qual abordarei a seguir.

2.3 NO TEMPO DAS LUZES

A partir do século XVIII, observamos que a História sofre as influências da Filosofia. Filósofos e historiadores se confundem. Kant, Voltaire e Montesquieu acreditavam que a humanidade estava numa situação de progresso contínuo, rumo a um “Estado Ideal”. Nesse período ocorreu a consolidação das ciências físicas e biológicas que deram origem às teorias da evolução das espécies e do trabalho intenso em busca do progresso tecnológico. A evolução intelectual atingiu todos os campos do conhecimento, o que não foi diferente no que diz respeito às filosofias da História. Em Voltaire, observamos que a sua preocupação para com a análise do homem está ligada aos fatores que o influenciam em seu meio social: como o clima, o governo e o meio em si, onde se desenrolam suas relações. Para ele, cabe ao historiador constituir esta unidade de gênero deixando de lado as singularidades em que a História política estava atrelada.²¹

O pensamento de Kant conduz-se a ambiguidades. Para ele, “a História da natureza começa pelo bem, por que ela é obra de Deus; já a História da liberdade começa pelo mal, porque ela é obra do homem”. Portanto, o pensamento de Kant se diversifica entre a teleologia da tradição cristã e a ética racional própria da era das luzes. No século XIX, ainda sob impacto da Revolução Francesa e outras revoluções liberais na Europa, que se iniciam desde então, as filosofias da História florescem de maneira surpreendente. Religiosa ou ateístas, otimistas ou pessimistas, singulares ou pluralistas, todas têm em comum a busca por um sentido para a História.²² Mesmo o materialismo histórico de Marx,

19 GLÉNISSON, J. **Iniciação aos estudos históricos**. Rio de Janeiro, Difel. 1977.

20 **FALTA NOTA DE RODAPÉ**

21 DOSSE, F. **A historia**. São Paulo, EDUSC. 2000.

22 BOURDE, G. MARTIN, H. **As escolas históricas**. Portugal, Fórum da História. 1983.

já no século XIX, teoria científica que está ligada à luta de classes e na prática revolucionária, não foge do campo da filosofia, pois para ele esta luta de classes e a evolução humana é claramente orientada para um fim.²³ Veremos, então, como estas filosofias e pensamentos do século XVIII e XIX influenciaram as Ciências Sociais, e por sua vez, chegaram os seus tratados até o âmbito analítico da História.

2.4 O SÉCULO XIX: POSITIVISMO, MARXISMO E AS CIÊNCIAS SOCIAIS

As “escolas” historiográficas do século XIX abririam caminhos para a constituição dos discursos e as problemáticas das ciências sociais. Com as práticas historiográficas sendo fortemente influenciadas pelo historicismo alemão, a tentativa era romper de vez com a filosofia. Os seus debates sobre o homem, perante a sociedade, ou vice-versa, contribuíram para as novas perspectivas das ciências sociais. Estas vieram a se consolidar no século XX. O cientificismo, ou o Positivismo como é denominado no campo da História, e o Marxismo são as duas tendências que se destacam no século XIX. Estas duas “escolas” diferem profundamente uma da outra em seus pontos de vista.

No Positivismo, acreditava-se que as ciências sociais pudessem se adaptar aos moldes das ciências naturais, ou seja, o ser humano dentro da sociedade estava direcionado de acordo com algumas leis. Para eles, o homem estava tão submetido, tão cognoscível empiricamente a estas leis quanto o mundo natural. O homem social se tornava uma figura fixa, estagnada, previsível aos acontecimentos. Nestas condições, ele se torna passível do conhecimento; metodologicamente falando, nos moldes das ciências naturais.

Para Auguste Comte, fundador da doutrina positivista, os seres humanos nascem desiguais em direitos, sendo esta uma verdade natural. A História de tendência positivista pode ser considerada como possuidora de uma visão muito conservadora da sociedade, tendendo a reproduzi-la e mantê-la sem uma vontade modificadora; ela deve ser autoexplicativa a

23 MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo, Martin Claret. 2005.

partir de sua essência. Neste âmbito, os fatos históricos estariam ligados essencialmente aos acontecimentos políticos e militares. No Positivismo não veremos a História através de uma análise cultural ou análise das mentalidades, por exemplo. Esta mudança de olhares por parte dos historiadores veio apenas a partir do século XX, sob a influência de sociólogos durkheimianos, dos quais trataremos a seguir, e materializou-se a partir de Marc Bloch e Lucien Febvre, na revista dos *Annales*.

Os alemães Karl Marx e Friederich Engels elaboram, no século XIX, as bases para o materialismo histórico, enfocando seus trabalhos nas relações sociais de produção. A análise marxista gira em torno da ideia de reencontrar a real atividade do homem, considerando o trabalho como a base principal que construiu suas relações com o mundo. No espírito de Marx, a *práxis* política torna-se imprescindível a partir do que, para ele, é esta *práxis* que vai encaminhar a sociedade para uma maior visibilidade e unidade e conscientização social. Apesar das diferenças ambíguas entre o Marxismo e o Positivismo, veremos semelhanças em suas interpretações do homem social. Ao passo que o Marxismo será Positivista quando diz que o homem está submetido objetivamente ao modo de produção e à infra-estrutura, mas será subversivo em vários outros aspectos, dentre eles no que diz respeito ao sujeito como ser atuante dentro de suas condições objetivas dentro da sociedade.

Mas tanto uma “escola” quanto outra (positivista e marxista) aparece como inauguradora das ciências sociais. Ambas não tratam a consciência e o indivíduo isoladamente, mas sim suas relações objetivas com a sociedade, relações estas que para os positivistas são determinantes, e para os marxistas são estabelecidas de forma recíproca para uma utopia das formulações dos modos trabalhistas de produção, em que todas as classes devem se igualar.

A corrente historiográfica tida como marxista seguiu até hoje seus procedimentos e práticas, os quais foram importantes para os conceitos que originam as ciências sociais e, conseqüentemente, influenciam a História. Muitos historiadores do século XX se baseiam em suas análises acerca da sociedade. Um grande exemplo disso é Eric Hobsbawn, um dos mais prestigiados historiadores marxistas do século XX²⁴. A História

24 Para um esclarecimento destas influencias marxistas em Hobsbawn, ver suas obras como “A era do capital”, “A era dos extremos”, “A era das revoluções”, dentre outros.

realizada pelos marxistas é uma História estrutural e econômico-social, e ultimamente retomou a ênfase política. Para eles, o evento é ruptura, transformação profunda, desintegração e transição estrutural, mudança que renova a estrutura e a fortalece. Além disso, que explora as suas potencialidades e a torna mais duradoura. Uma grande corrente da História marxista está calcada nos historiadores que escrevem a chamada “história vista de baixo” e, chegou-se até afirmar que estes historiadores escrevem à sombra dos conceitos de Marx. Como o próprio Jim Sharpe²⁵ coloca, os historiadores sociais têm para com o Marxismo uma grande dívida no que diz respeito a narrar a História dos vencidos ou das opressões.

25 SHARP, J. A historia vista de baixo in: BURKE, P (org). **A escrita da historia: novas perspectivas** São Paulo: UNESP. 1992. p. 44.

MARC BLOCH E LUCIEN FEBVRE: OS FUNDADORES

*Talvez não seja inútil acrescentar ainda uma palavra de desculpas; as circunstâncias de minha vida atual, a impossibilidade em que me encontro de ter acesso a uma biblioteca, a perda de meus próprios livros fazem com que deva me fiar bastante em minhas notas e em minhas memórias. As leituras complementares, as verificações exigidas pelas próprias leis do ofício cujas práticas me proponho a escrever permanecem para mim freqüentemente proibidas. Será que um dia poderei preencher estas lacunas? Nunca inteiramente, receio. Só posso sobre isso, solicitar a indulgência, diria assumir a culpa, se isso não fosse assumir mais do que seria legítimo, as culpas do destino.
(Marc Bloch. Notas escritas na prisão de Montluc, onde foi torturado e morto pela Gestapo)*

3.1 OS FUNDADORES DOS *ANNALES*

Pela escassez da produção de obras completas a cerca deste historiador, encontrar-se-ão opiniões e reflexões para a biografia de Marc Bloch em vários prefácios e apresentações redigidos por historiadores que reconheceram suas contribuições. Dentre eles Jacques Le Goff, Georges Duby, Carlo Ginzburg, Liliam Moritz Schwarcz e, ainda, encontramos seu nome como “entrada” no *Dicionário das ciências Históricas*, organizado por André Burguière²⁶.

Marc Lâepold Benjamin Bloch nasceu em 06 de junho de 1886, em Paris, na França, em uma família judia. Iniciou seus estudos na École Normale. Filho de professor de História antiga, Bloch sempre esteve cercado pelas discussões da disciplina. Gustav Bloch, seu pai, foi em sua geração, um dos melhores especialistas em História Romana. Logo seguiu os percursos da excelência universitária; passou pela Alemanha, mais

²⁶ BURGUIÈRE, A.(org.). *Dicionário das ciências Históricas*. Rio de Janeiro, image 1986.

precisamente Berlim e Leipzig, e estudou da aclamada fundação Thiers, prosseguimento usual para historiadores franceses da época, onde seguiu os ensinamentos de Karl Bucher.

Bloch lutou na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), onde foi ferido e condecorado com uma medalha de honra ao mérito, e a terminou como capitão. Após a guerra, Bloch ingressou na Universidade de Estrasburgo, que acabaria de se tornar novamente francesa. Lá ele foi nomeado mestre de conferências, em 1919. No ano seguinte, torna-se professor após sustentar sua tese acerca da política da libertação dos Capetos, no início do século XVI, denominada *Róis et serfs* (ver Reis e servos). Em 1936, Bloch é chamado pela Universidade de Sorbonne para ocupar a cadeira de História Econômica, sucedendo a Henri Hauser.

Apesar de ter ultrapassado a idade para o serviço militar, Marc Bloch entrou na fila de frente da resistência contra os alemães em 1939, logo após o início da Segunda Guerra Mundial. Neste episódio, ele passou as experiências mais amargas de sua vida, que logo em seguida tentou analisar em um ensaio de História imediata, que viria a ser publicado apenas após a sua morte, com o nome de *L'étrange défaite* (A estranha derrota). Foi expulso de sua profissão no ensino em decorrência das leis antissemitas de Vichy, é quando parte para a clandestinidade. Em 1943, Bloch adere ao movimento de resistência “Franco-atirador”, foi preso em Lyon e torturado pela Gestapo na prisão de Montluc. Marc Lâepold Benjamin Bloch foi executado, aos 57 anos, pelo exército nazista, no mês de junho de 1944.

Em seus caminhos para a clandestinidade, e para o seu papel de mártir, Marc Bloch deixou muitos aspectos de sua personalidade, que estiveram presentes durante toda a sua vida, mas tornam-se mais perceptíveis em seu distanciamento da docência universitária. O patriotismo foi uma marca de sua existência, e durante as duas grandes guerras mundiais lutou em favor de seu país; recusou as opções pacifistas no momento da Frente Popular; recusou-se, também, a exilar-se nos Estados Unidos, na *New School for Social Research*, de Nova York, uma instituição criada para acolher intelectuais que fugiam de perseguições nazistas, quando a França estava sobre o regime de Vichy. Marc Bloch sempre se recusou a usar seu intelecto para uma carreira parlamentar ou mesmo para estar no topo

da erudição. Compreendemos, nesta citação de André Burguière, o que significava o intelecto para Marc Bloch:

A responsabilidade do sábio consistia para ele em fornecer aos políticos a iluminação de um conhecimento científico da sociedade, e não em transmitir uma mensagem, e a própria política tem por tarefa não gerir os conflitos com ideologia, mas impor as reformas que devem melhorar a sociedade.²⁷

A formação intelectual de Marc Bloch foi fortemente marcada pelos seus estudos de sociologia. Estas influências da sociologia sobre Bloch estão ligadas ao fato de que sempre foi um apreciador da obra de Emile Durkheim, responsável pelo primeiro curso de sociologia, como o conhecemos hoje, na Faculdade de Letras de Bordéus, em 1887. Através desta ligação com a sociologia *Durkheimiana*, Marc Bloch se faz ligar pela antropologia histórica, ramo que muitos historiadores lhe atribuem como pioneiro nas pesquisas, inclusive Jacques Le Goff em uma apresentação a edição francesa de *Les Rois thaumaturges*,²⁸ um de seus livros mais importantes. A obra *Os reis taumaturgos*, trata de uma pesquisa feita acerca da cura exercitada pelos reis da França e Inglaterra, tida como sobrenatural, através do “toque régio”, encarado como a dimensão mágica da realeza. É um estudo curioso e interessante, que nos permite compreender como funcionava este rito que remonta ao século XII, e tal crença vem permanecer até o século XVIII, na Inglaterra, e na França até 1825.

Marc Bloch perdura como uma figura imortal entre os historiadores, não apenas por suas contribuições intelectuais, mas também pelo seu legado de resistência e enfrentamento diante de uma época turbulenta como o período da I e II Guerras Mundiais. Seu trabalho continua a ser objeto de estudo e reflexão, inspirando gerações de acadêmicos a buscar uma compreensão mais profunda do passado.

Lucien Febvre (1878-1956), renomado historiador francês, figura proeminente na fundação e desenvolvimento da Escola dos *Annales*, notabilizou-se por sua abordagem inovadora e interdisciplinar no estudo

27 BURGUIÈRE, A.(org.). **Dicionário das ciências Históricas**. Rio de Janeiro, image 1986. p. 105.

28 BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. São Paulo, Companhia das letras. 1993.

histórico. Em breve exame de sua produção historiográfica podemos delinear os principais aspectos de sua carreira e contribuições para a disciplina.

A formação acadêmica de Febvre, iniciada na *École Normale Supérieure*, forneceu-lhe a base intelectual para suas futuras explorações historiográficas. Sua tese de doutorado, concluída em 1911, focada na vida religiosa na Idade Média, revelou um interesse precoce em temáticas que mais tarde seriam fundamentais para sua abordagem à história.

A vivência de Febvre durante a Primeira Guerra Mundial, onde serviu no *front*, exerceu uma influência significativa em sua perspectiva. Essa experiência direta das vicissitudes do conflito moldou sua compreensão da história e estimulou uma abordagem mais ampla e socialmente consciente em suas investigações.

Assim eles [historiadores] atuarão sobre sua época. Assim farão com que seus contemporâneos e seus concidadãos possam compreender melhor os dramas dos quais vão ser, dos quais já são, ao mesmo tempo, os atores e espectadores. Assim trarão os mais ricos elementos de solução aos problemas que perturbam os homens de seu tempo.²⁹

O marco mais significativo de sua carreira foi a co-fundação da revista *“Annales d’histoire économique et sociale”* em 1929, em colaboração com o historiador Marc Bloch. Esse empreendimento foi a semente da Escola dos *Annales*, uma abordagem historiográfica que buscava transcender as limitações tradicionais, incorporando não apenas eventos políticos, mas também as dimensões social, econômica e cultural.

A proposta de Febvre para uma “história total” refletiu-se em sua incessante busca por integração disciplinar. Ele promoveu a aplicação de métodos da geografia, antropologia e psicologia para compreender plenamente uma sociedade em um determinado contexto temporal.

Lucien Febvre, destacado historiador francês do século XX, emerge como uma figura de destaque na formação e desenvolvimento da Escola dos *Annales*. Sua contribuição para essa corrente historiográfica pioneira transcendeu as fronteiras tradicionais da disciplina histórica e se manifestou

29 FEBVRE, Lucien. **Face ao vento. Manifesto dos Anais Novos (1946)**. In: MOTA, C. G. (Org.). “História”. Lucien Febvre. São Paulo: Ática, 1978. p.182.

em múltiplas dimensões, consolidando-se como um dos pilares teóricos e metodológicos dessa abordagem inovadora.

A sua defesa acérrima da interdisciplinaridade constitui um dos pontos-chave de sua contribuição à Escola dos Annales. Febvre enfatizou a necessidade de transcender as barreiras disciplinares, advogando pela incorporação de métodos e abordagens provenientes não apenas da história, mas também de disciplinas como sociologia, antropologia, geografia e psicologia. Essa visão holística buscou ir além da abordagem mais estreita que caracterizava muitas práticas historiográficas da época. Outro elemento fundamental introduzido por Febvre foi a concepção de “história total”. Em contraposição à tradição histórica que se concentrava predominantemente em eventos políticos e personalidades destacadas, Febvre propunha uma análise mais abrangente, abarcando estruturas sociais, econômicas, culturais e mentais. Essa perspectiva integrada visava capturar a complexidade das sociedades ao longo do tempo.

A incursão de Febvre na história das mentalidades foi igualmente marcante. Ao direcionar o foco para as crenças, valores e modos de pensamento das pessoas em diferentes períodos históricos, Febvre contribuiu para uma compreensão mais profunda das motivações subjacentes aos eventos históricos, adotando uma abordagem psicológica que enriqueceu o escopo interpretativo da disciplina.

O compromisso de Febvre com a renovação da prática historiográfica foi essencialmente refletido na sua co-fundação da revista *Annales* e na liderança intelectual que exerceu sobre a comunidade acadêmica envolvida na Escola dos Annales. Seu legado perdura não apenas nas obras que produziu, mas também na institucionalização e consolidação das ideias dos *Annales* como um paradigma distintivo na escrita da história.

Destacando algumas de suas obras mais notáveis, “A Terra e a Evolução Humana” (1922) exemplifica sua abordagem inovadora ao explorar a interação entre geografia física e evolução humana. Já em “O Problema da Descrença no Século XVI” (1942), Febvre examinou a disseminação da descrença religiosa durante o Renascimento, desafiando narrativas convencionais do período.

Febvre continuou a desenvolver suas ideias até sua morte em 1956, deixando um legado duradouro marcado pela influência da Escola dos

Annales e pela ênfase na interdisciplinaridade e na análise abrangente como pilares para uma compreensão mais rica da história.

A produção historiográfica de Lucien Febvre, marcada por sua originalidade conceitual e visão ampla, não apenas contribuiu para a evolução do campo, mas também estabeleceu fundamentos teóricos que continuam a orientar historiadores e estudiosos contemporâneos.

Tanto Bloch quanto Febvre combateram pela História para que esta se tornasse uma disciplina mais “presente”, no sentido tanto do discurso quanto do seu método. Ou seja, pensar o tempo histórico como um tempo que está em constante transformação, que o passado não está necessariamente no passado, mas sim em confluência constante com o presente, em relação dialética. Para Febvre

O conhecimento do passado consistirá, então, em sua interpretação e organização a partir de problemas e através de conceitos. O resultado final é um passado que o presente tem a necessidade de conhecer. O tempo reconstruído da historia-conhecimento está, e isto é explicitado, a serviço do presente.³⁰

Para ambos, o presente condiciona diretamente o passado quando é nele que se escolhe os objetos e projeta-se o olhar para a História. Com esta intenção, a disciplina histórica está vinculada aos contextos sociais em que ela é produzida, servindo para a finalidade de problematizar a sociedade. Neste sentido, o auxílio das demais áreas das ciências sociais é crucial para a constituição deste olhar. Estas convergências produziram as ideias centrais fundadoras dos *Annales*.

30 REIS, José Carlos. **Lucien Febvre** in: ___ Nouvelle Histoire e Tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. São Paulo: Ática, 1994. P.35.

OS *ANNALES* EM PERSPECTIVA: A 1ª GERAÇÃO

*Combatemos longamente, em conjunto, por uma História maior e mais humana.
(Marc Bloch, carta a Lucien Febvre)*

4.1 DEBATE INICIAL DOS *ANNALES*: HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

No princípio do século XX, as ciências sociais surgem como uma importante renovação e novidade para a ordem do saber. Deve-se isso a partir do momento em que o homem deixa de ser encarado como um “indivíduo” e passa a ser visto como um objeto de estudo. O homem é observado em sua pluralidade. Antes de apresentarmos as concretizações da “Nova História” na revista *Annales d’Histoire Economique et sociale*, em 1929, é interessante analisarmos em que condições isto se deu, ou como ocorreu um grande debate entre sociólogos, geógrafos, filósofos e historiadores contra os modelos dos “historiadores tradicionais”. Torna-se mister destacar em que base teórica Lucien Febvre e Marc Bloch construíram suas iniciativas para a renovação do método. Segundo autores como José Carlos Reis ou François Dosse, o projeto original desta renovação do método histórico, ou *Nouvelle histoire*, não surgiu de historiadores, mas sim de sociólogos Durkheimianos³¹. Ao traduzirem os pontos de vistas desses sociólogos para o discurso histórico, os historiadores dos *Annales* romperam de vez com a influência predominante da filosofia sobre a História. Os *Annales* apresentaram, portanto, uma nova opção metodológica buscada na aproximação com outras ciências sociais que

31 DOSSE, F. *A História em Migalhas: dos Annales a nova História*. São Paulo, EDUSC. 2003. REIS, J. *Escola dos Annales*. São Paulo, Paz e Terra. 2001.

viam surgindo e se renovando, principalmente nos seus procedimentos “operacionais”. A História, a partir de seu “casamento” com as ciências sociais, passou a repensar questões norteadoras para a interpretação do passado. Reis coloca que se o problema da História passou a ser o evento, enquanto evento impensável, como poderemos pensá-lo sem cair nas filosofias da História? Ainda em Reis, este é o grande problema da *nouvelle histoire*.³² Mas quais eram as críticas direcionadas para a disciplina histórica? Quem eram esses críticos? Vamos analisar a seguir alguns aspectos fundamentais da *escola durkheimiana* de sociologia, que trouxe alguns dos debates iniciais para a fundação dos *Annales*, em que não podemos deixar de citar: Émile Durkheim, François Simiand e Henri Berr.

4.2 DURKHEIM

Emile Durkheim foi responsável pelo primeiro curso de Sociologia, na Faculdade de Letras de Bourdeaux, em 1887, seu grupo localizava-se na França, e estava repleto de intelectuais de várias áreas das ciências humanas. A revista *L'année Sociologique*, publicada primeiramente em 1897, tornou-se o grande porta-voz de suas ideias e teorias. Durkheim jamais negou o grande valor que a História tem, mas colocou-a em outro lugar. Para ele, a História não poderia passar de uma disciplina auxiliar da Sociologia; o historiador coleta os fatos, mas é o sociólogo que tem a tarefa de fazer a análise, e terminar o estudo: “A História só pode ser considerada uma ciência desde que se eleve acima do individual – então é verdade que deixa de ser ela mesma para tornar-se um ramo da Sociologia.”³³ Para Durkheim, o historiador que se propusesse a interpretar, ou fazer comparações, tornar-se-ia sociólogo. Durkheim acreditava que o ser humano poderia ser observado de diversas maneiras a partir de seus costumes, e a julgar, ainda, pelas suas similaridades com o meio social em que vive.

32 REIS, J.C. **A escola dos Annales: a inovação em História** São Paulo, Paz e Terra. 2000.

33 DURKHEIM, E. L' Année sociologique.in: DOSSE F. **A História em Migalhas: dos Annales a nova História**. São Paulo, EDUSC. 2003. p. 41.

Cada individuo bebe, dorme, come, raciocina e a sociedade tem todo o interesse em que estas funções se exerçam de modo regular. (...) Porém, há em toda sociedade um grupo determinado de fenômenos com caracteres nítidos.³⁴

Suas teorias inovadoras e suas análises aprofundadas dos fenômenos sociais trouxeram contribuições significativas para a compreensão da evolução das sociedades ao longo do tempo.

Durkheim concentrou-se no estudo das instituições sociais, como a família, religião e educação. Suas análises aprofundadas dessas instituições proporcionaram uma compreensão mais profunda de como elas moldam as estruturas sociais ao longo da história. Ao examinar a sólida interconexão entre as instituições e o desenvolvimento social, Durkheim ofereceu uma perspectiva que transcendeu os limites da sociologia, alcançando o âmbito histórico.

A distinção que Durkheim estabeleceu entre solidariedade mecânica e orgânica revelou-se crucial para compreender as mudanças nas formas de coesão social ao longo do tempo. Sua análise da solidariedade social forneceu um arcabouço conceitual valioso para explorar as transformações nas relações sociais em diferentes épocas e contextos históricos.

A divisão do trabalho, outro tema central em suas obras, foi abordada como um fenômeno essencial para o desenvolvimento social. As ideias de Durkheim sobre a especialização das funções na sociedade influenciaram a compreensão das dinâmicas históricas relacionadas à organização do trabalho e à complexidade social.

O conceito de consciência coletiva, introduzido por Durkheim, ofereceu uma lente teórica para examinar as crenças e valores compartilhados por membros de uma sociedade. Essa perspectiva trouxe contribuições substanciais para a análise histórica, destacando a influência das ideias coletivas na formação de culturas ao longo do tempo.

Embora sua obra “O Suicídio” não seja diretamente histórica, a análise de Durkheim sobre as taxas de suicídio revelou a interação entre fatores sociais e tendências comportamentais. Essa abordagem influenciou a compreensão das influências sociais na história e nas mudanças

34 DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1966. p. 1.

comportamentais ao longo do tempo.

Os métodos sociológicos rigorosos propostos por Durkheim, enfatizando a observação objetiva e o uso de dados empíricos, tornaram-se uma contribuição valiosa não apenas para a sociologia, mas também para a abordagem metodológica nas ciências sociais. Sua ênfase na empiria e na objetividade permeou os estudos históricos, moldando a forma como historiadores e sociólogos abordam a análise das sociedades passadas.

Ademais, as contribuições de Durkheim não se restringiram à sociologia, estendendo-se para a antropologia. Seu trabalho sobre religião influenciou estudos antropológicos sobre rituais e práticas culturais, demonstrando o alcance e a relevância transdisciplinar de suas ideias. Émile Durkheim emerge como uma figura seminal cujo impacto transcende as fronteiras disciplinares. Suas teorias forneceram uma base conceitual valiosa para a compreensão da interseção entre sociedade e história, enriquecendo o discurso acadêmico nas ciências sociais.

Como mostrou François Dosse³⁵, a escola durkheimiana procurou se firmar perante uma “guerra” entre as demais ciências sociais, no início do século XX, propondo-lhes relações e oferecendo-lhes serviços, inclusive para a História.

A grande crítica de Durkheim é direcionada aos acontecimentos particulares, para ele não passava de “manifestações superficiais”³⁶, o que lhe interessava era o estudo da sociedade em seu âmbito geral. A partir destes pensamentos, os sociólogos durkheimianos tiveram de distinguir-se da “História historicizante” (ou historicismo) que estava preocupada em limitar o seu programa a reconstituir os fatos como tal aconteceram, e criar modelos abstratos para iluminar a realidade de maneira empírica. Mas esta perspectiva de Durkheim não pode ser caracterizada e destacada como sendo não-histórica. Embora suas pesquisas estivessem sempre voltadas para a ordem social, seus estudos sobre a mudança social sempre estiveram em primeiro lugar em suas preocupações: suas teses acerca das sociedades primitivas (*Les formes élémentaires de la vie religieuse, 1912*) nos permitem constatar isso³⁷.

35 (ibid.)

36 BURKE, P. **A Escola dos Annales/ 1929-1989**. São Paulo, UNESP. 1990.

37 BERSNARD, P. Durkheim, Emile. In: BURGUIÈRRE, A. (org) **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro, Image. 1986.

Não diferente da História, a Geografia também vira alvo de críticas para os durkheimianos. As análises do clima e do solo estão voltadas às pesquisas de causalidades. François Simiand, membro do *Année de Sociologique*, faz uma grande crítica ao método geográfico: “Não é suficiente que haja carneiros em um país, para explicar o fato de esse país possuir uma indústria lanífera.”³⁸ Deveriam, portanto, extinguir a disciplina de Geografia. Mas assim como com a História, os durkheimianos vão de encontro à Geografia que estava fortemente fixada em seu lugar aos demais ciências humanas, principalmente após o fim do século XIX. Ao confrontar grandes instituições universitárias, os sociólogos fracassaram e tiveram de se isolar na *École Pratique de Autes Études*, até criar em 1924 o instituto francês de sociologia. Estes episódios ocorridos a partir de Durkheim estiveram profundamente ligados à fundação dos *Annales*. Em 1929, Lucien Febvre e Marc Bloch retomam os métodos durkheimianos e formulam a revista. Uma das maiores contribuições da *L'Année Sociologique* para os *Annales*, foi a ideia da interdisciplinaridade, ou seja, de tudo absorver, mas que o fizeram de maneira mais harmoniosa, fazendo com que cada disciplina permanecesse em seu devido lugar. Marc Bloch diz o seguinte sobre Emile Durkheim: “... ensinou-nos a analisar mais profundamente, a cingir mais de perto os problemas, a pensar, digamos assim, menos ligeiramente.”³⁹

4.3 FRANÇOIS SIMIAND E HENRI BERR: A CIÊNCIA SOCIAL-HISTÓRIA

Sociólogo de formação, membro do grupo durkheimiano de estudos referentes às ciências sociais, Simiand construiu uma maneira particular de perceber as conjunturas da economia e da sociedade contemporânea. Foi reconhecido pelo grupo dos *Annales* (surgido em 1929), como parte deles. Isso porque Simiand já vinha, desde a década de 1900, propondo aos historiadores e economistas uma nova maneira de pensar suas respectivas disciplinas, segundo uma concepção interdisciplinar, racionalista e com base sociológica. Para Bouvier,

38 SIMIAND, F. L'année sociologique. in: DOSSE F. **A História em Migalhas: dos Annales a nova História**. São Paulo, EDUSC. 2003. p. 43.

39 BLOCH, M. **Apologia da História ou Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2002.

Simiand foi o verdadeiro precursor da ‘história econômica e social’ na França. Ele lhe forneceu instrumentos, regras de conduta e de deontologia, perspectivas inovadoras (sobre existência de diversos tempos: curtos médios e seculares da História). Principalmente, ele lhe trouxe uma abertura fundamental, considerando as relações sociais entre os grupos principais da sociedade capitalista industrial (patrões e operários) como partes constitutivas dos próprios movimentos da economia e de seu progresso a longo prazo.⁴⁰

Em 1903 ele lança um grande desafio aos historiadores, na *Revue de Synthèse Historique* (Revista de síntese histórica), dirigida por Henri Berr, em seu artigo denominado “Método histórico e ciências sociais”. Aqui Simiand faz uma grande crítica aos historiadores da época, colocando a História como uma disciplina que não tem nada de científica, como François Dosse descreve, mas sim um simples procedimento de descrição de fenômenos contingentes. Segundo Dosse, Simiand faz especialmente uma crítica aos três ídolos do grupo de Historiadores: o “ídolo político”, o “ídolo individual” e o “ídolo cronológico”.

Observamos, então, cada um deles: o político refere-se a grande preocupação com que os historiadores tinham em estudar os fatos de natureza política, como as guerras, por exemplo, chegando a dar uma exagerada importância a esses fatos. O ídolo individual era a crítica ao hábito por parte dos historiadores em conceber uma História individual, muitas vezes deixando de lado o *fato* propriamente dito. O que acarretaria trabalhos e pesquisa em torno de um homem só, e não das instituições, fenômenos sociais ou relações estabelecidas entre os povos. E por fim, o ídolo cronológico, “o hábito de se perder no estudo das origens”⁴¹.

Essas críticas tornar-se-ão um grande referencial teórico para a construção dos *Annales*, em 1929. François Simiand faz um ataque direto, mas não pessoal à história “historizante”, praticada nas Universidades francesas de sua época. Mas mais do que isto, surge com a proposta de uma História voltada para as ciências sociais de uma maneira mais direta, ou seja, ele não aparece como um furacão que quer “destruir tudo”, mas segue com alternativas para uma renovação no método. Simiand propôs a interligação das ciências humanas: “O estudo dos fenômenos sociais só tem a ganhar

40 BOUVIER, J. Simiand, François, 1873-1935. in: BURGUIÈRE, A.(org.). **Dicionário das ciências Históricas**. Rio de Janeiro, image 1986. p. 715.

caso seja confiado (pelo menos por um bom período) ao labor preciso, paciente seguro e experimentando da disciplina histórica”⁴¹. Ele propôs uma mudança contínua, realizada pelos novos historiadores, fazendo uso das ciências sociais. A partir deste momento, começou a ocorrer aproximações intensas entre os historiadores e os durkheimianos, caminhos são lançados e propostas são debatidas. Os historiadores reconhecem a importância de se trabalhar mudanças coletivas no tempo, mas não deixam de lado as análises individuais quando necessárias. A Sociologia vem como uma base propulsora para as práticas da “Nova História”, é no princípio do século XX, podemos dizer, com a ajuda dos sociólogos, que se inicia a “revolução na historiografia”, de que Burke trataria de escrever mais tarde.⁴²

François Simiand, embora não tenha ocupado uma posição central na fundação da Escola dos Annales, emergiu como uma figura influente que deixou uma marca significativa no pensamento historiográfico associado a essa corrente. A Escola dos Annales, inaugurada por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929, propôs uma renovação epistemológica na abordagem histórica, fomentando a interdisciplinaridade e a diversificação metodológica.

A relevância de Simiand para a Escola dos Annales pode ser discernida, sobretudo, em sua defesa veemente da primazia de uma abordagem científica e metodológica na pesquisa histórica. Sua incansável promoção da análise empírica, rigorosa e objetiva alinhou-se de maneira coesa com a proposta dos Annales de incorporar métodos científicos à práxis histórica. Além disso, a meticulosa atenção de Simiand às complexas engrenagens das estruturas econômicas e sociais, associada à sua enfática ênfase na escrutinação das relações de classe, exerceram influência profunda sobre os historiadores vinculados à Escola dos *Annales*, os quais buscavam transcender as narrativas políticas convencionais. A referida escola almejava integrar a história social, econômica e cultural em uma abordagem integral e holística.

Embora Simiand não tenha ocupado posição proeminente na Escola dos *Annales*, compartilhava da perspectiva desta corrente historiográfica, defendendo a concepção de que a história deveria constituir-se como uma disciplina interdisciplinar, incorporando contribuições provenientes

41 SIMIAND, F. **Método histórico e ciência social**. São Paulo, EDUSC. 2003. p.68.

42 BURKE, P. **A Escola dos Annales/ 1929-1989**. São Paulo, UNESP. 1990.

da sociologia, antropologia, geografia, entre outras disciplinas. A predisposição à diversidade de abordagens metodológicas e a busca por uma compreensão totalizante da história, abarcando todos os matizes da experiência humana, também refletem a influência subjacente do pensamento de Simiand.

Portanto, ainda que Simiand não tenha ocupado um papel central nos Annales, suas ideias relacionadas à metodologia, à análise social e à interdisciplinaridade desempenharam um papel formativo inegável na conformação da identidade distintiva dessa inovadora corrente historiográfica.

A revista *Revue de Synthèse Historique*, de Henri Berr, foi para muitos autores o início da Escola dos “*Annales*”. O trabalho envolvia relevante número de cientistas sociais das mais diversas áreas. O que é importante destacar, é o fato de todos estarem envolvidos na construção de novos paradigmas norteadores das ciências sociais. Um dos intelectuais que participava regularmente dos trabalhos era Lucien Febvre, que debatia principalmente com geógrafos, através de textos e resenhas. Febvre foi um grande colaborador de Henri Berr neste período, mas um dos grandes motivos para Berr não ter feito parte, pelo menos de maneira presente, da fundação da revista *Annales d’ Histoire Economique et Sociale*, foi o fato de que ele estava proposto em eliminar os espaços entre as ciências sociais e reaproximá-la da Filosofia, o que representava um distanciamento da proposta dos historiadores dispostos a revolucionar a produção historiográfica.⁴³

O pensamento de Henri Berr teve impacto pelo fato de propor um rompimento das barreiras entre as ciências sociais e “renovar” a História que aparecia mergulhada no pleno Positivismo; foi de vital importância seus textos nas ideias de Marc Bloch e Lucien Febvre e, conseqüentemente, para os *Annales*. Para Dumoulin: “Henri Berr preparou o caminho para os *Annales*, mesmo lhe faltando um método verdadeiramente histórico”⁴⁴. Portanto, é neste contexto que surgiu a Escola dos *Annales*.

43 (ibd.)

44 DOMOULIN, O. Berr, Henri, 1863-1954. in: BURGUIÈRE, A.(org.). **Dicionário das ciências Histórias**. Rio de Janeiro, image 1986. p. 94-95.

4.4 SÉCULO XX: O SURGIMENTO DOS *ANNALES*

“Não é por acaso que os *Annales* nasceram em 1929, o ano da grande crise.”⁴⁵ Esta citação de Jacques Le Goff, embora reducionista, é bem explicativa para compreendermos em que condições a revista originalmente chamada de *Annales d'histoire économique et sociale* (Anais da história econômica e social) surgiu a partir dos projetos de Marc Bloch e Lucien Febvre. Apesar da crise manifestada após a queda da bolsa de Wall Street, em Nova York, ter acontecido em outubro de 1929, e a revista ter sido publicada primeiramente em janeiro do mesmo ano, podemos interligar os fatos a partir da análise das propostas dos seus fundadores. Até então se via uma extrema preocupação, por parte de historiadores, em relativizar a História a acontecimentos políticos. Mas ao perceber as quebras acentuadas da economia capitalista, tanto na Europa quanto na América, se estabelece os questionamentos inerentes ao progresso da humanidade através do acúmulo desenfreado de bens materiais. Ou seja, era preciso observar melhor os eventos de ordem econômica e social para compreender as mudanças que ocorriam na época, e isso se refletiu no campo da História também, que a escola tradicional não dava conta. Nesta quebra de paradigmas, Bloch e Febvre pensam em uma História com mais alcance social, que pudesse aliar as outras ciências a nossa ciência histórica, não só as sociais, mas todas que viessem a contribuir para o estudo da História. Nesta proposta eles surgem com a revista dos *Annales*, com o intuito e a demanda de compreender e reagir aos problemas gerados pela crise capitalista. É valorizado o aspecto econômico e social, que apareciam mergulhados na recessão e no desemprego. O discurso dos *Annales* não pode ser, portanto, unicamente ligado aos historiadores, mas sim a efervescência política, econômica e social que se figurava desde os anos pós-guerra. Para Dosse, nos anos 30, principalmente, encontramos estes pontos de ligação entre o discurso dos *Annales* e o que ele chamou de “movimentos intelectuais de posição”⁴⁶. Mas obviamente não podemos nos deter apenas em acontecimentos de cunho econômico para entender

45 LE GOFF, J. *História nova*. São Paulo, Martins Fontes. 1990. p. 30.

46 DOSSE, F. *A História em migalhas, dos annales a nova História*. São Paulo. EDUSC. 2003. p. 36-37.

o que foi a proposta fundadora da revista dos *Annales*; em seu contexto, torna-se de um importante meio de compreensão do período a formação intelectual de seus organizadores: Febvre com suas pesquisas vinculadas com a Geografia, disciplina esta que sofria transformações em seus focos de estudos, e Bloch com a Sociologia da escola durkheimiana. O que veremos, então, na fundação dos *Annales* é uma profunda preocupação com interdisciplinaridade nas pesquisas históricas.

Figura 1: Edição nº1 *Annales d'histoire économique et social* Cambridge University Press

ANNALES
D'HISTOIRE ÉCONOMIQUE
ET SOCIALE
Revue trimestrielle

Directeurs :
Marc Bloch – Lucien Febvre

TOME PREMIER
Année 1929



LIBRAIRIE ARMAND COLIN
103, Boulevard Saint-Michel, PARIS

1929

Tous droits de reproduction, de traduction et d'adaptation réservés pour tous pays

Como observamos anteriormente, as ciências sociais sempre estiveram em renovação com seus métodos e problemáticas. Pois os intelectuais trazem para sua pesquisa as suas indagações inerentes ao seu tempo presente, e estas renovações dar-se-ão a partir desta premissa, às vezes demasiadamente demorada, e outras repentinamente, de maneira a gerar uma verdadeira revolução dentro de si. E não foi diferente com a História. A escola, a revista, ou simplesmente movimento dos *Annales* trouxe e agrupou aquilo que estava acontecendo em seu momento fundador, nem por isso deixando de lado seu campo de estudo. A Geografia muito influenciou os estudos de Marc Bloch, Lucien Febvre e, mais tarde, Fernand Braudel.⁴⁷ Daí a importância da cartografia para os novos historiadores, que usavam e abusavam de mapas, não só como um instrumento para se localizar ou ilustrar, mas como um objeto que poderia se tornar uma fonte de pesquisa. Neste sentido, os recortes espaciais se tornaram cada vez mais determinantes para as escolhas dos objetos, o olhar destinado aos eventos e aos atores da História, assim como o recorte cronológico.

Recentemente foi lançada uma coletânea de textos seminais de Marc Bloch, intitulado “A terra e seus homens”⁴⁸ em que ele escreve sobre a situação dos camponeses e a própria História rural francesa, nos séculos XVII e XVIII. Nesta obra, ele faz uso dos estudos referentes às mudanças e modelagens da paisagem pelo homem. É na Revista de Síntese histórica que publicou em 1912-1913 a sua monografia sobre o *Île-de-France* que mostra a interpenetração dos métodos e os problemas da História e a Geografia.⁴⁹

Outro momento importante em que Bloch faz alusão à Geografia e à História como disciplinas que devem auxiliar uma a outra, é em sua obra “Apologia da História ou ofício do historiador” (*Metier d’histoire*). Ele cita o exemplo do golfo de Zwin que, no século X de nossa era, cortava a costa flamenca. Em suas águas ficava o porto da cidade de Bruges. Passava pelas águas do Zwin grande parte das mercadorias que saíam ou entravam em Londres e Nova York em sua época. Mas com o tempo o golfo foi

47 Que durante sua estada na École Pratique des Hautes Études seus estudos se intitulavam “História geográfica”.

48 BLOCH, M. **A terra e seus homens**. São Paulo. EDUSC, 2001.

49 BRONISLAW, G. **Marc Bloch, historien et résistant**, *Conférences Marc Bloch*, 1986, [en ligne], mis en ligne le 17 mai 2006. URL : <http://cmb.ehess.fr/document49.html>. Consulté le 11 septembre 2006.

sumindo, tornando-se apenas areia, e Bruges tentava, em vão, na medida em que a superfície inundada recuava, empurrar seus portos para a foz. Eis então o problema: as consequências disto. Trabalho para geólogo, geógrafo, historiador ou físico? Para Bloch, todos juntos, apostando na interdisciplinaridade com a História para produzir seus métodos.⁵⁰

Lucien Febvre estava ainda mais envolvido com a geografia. Produziu vários estudos sobre o tema, que seriam os frutos colhidos pelas suas influências com seu professor Vidal de La Blache.⁵¹ Outra contribuição importante para Febvre foi o geógrafo alemão Ratzel, que por vezes se confrontavam nas ideias. Ratzel, diferente de La Blache, sustentava a idéia da influência do meio físico sobre o humano. Recorrendo a Peter Burke, percebemos que Febvre, em meio a estas divergências, apoiou La Blache, eis um modelo explicativo de Febvre: “um rio pode ser tratado por uma sociedade como uma barreira, mas por outra como meio de transporte. Portanto não pode ser o ambiente físico que determina uma opção coletiva, mas o homem, sua maneira de viver, seu comportamento”.⁵² A História e a Geografia passam a debater estas várias perspectivas dentro dos *Annales*, o que muito beneficiou as pesquisas históricas, desde sua maneira de observar o meio e até de interpretá-lo.

Marc Bloch e Lucien Febvre tiveram uma carreira muito similar. Ambos frequentaram a *École Normale*, ambos tiveram como professores Meillet e Lévy-Bruhl; contudo percebemos que as influências de Bloch estão muito mais ligadas à escola Durkheimiana de Sociologia. “O compromisso de Bloch com a Geografia era menor do que o de Febvre, embora seu compromisso com a Sociologia fosse maior.”⁵³ Bloch pensava nos temas abordados como uma História-problema, ou seja, questões a serem feitas em cima daquilo que se está observando, e não a História política, em que o que se valia era apenas aquilo que estava contido nos

50 BLOCH, M. **Apologia da História ou Ofício de Historiador**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro. 2002. p. 53.

51 Vidal de La Blache foi, ao lado de outros, promotor de uma ciência geografia humana, causando uma grande revolução esta disciplina no século XIX. Estes geógrafos tiveram muitas influências em nossos “novos historiadores”, Mac Bloch e Lucien Febvre. Ver LE GOFF 1978.

52 BURKE, P. **A Escola dos Annales/ 1929-1989**. São Paulo, UNESP. 1990. p. 26.

53 (ibd.). p. 27.

documentos, e muitas vezes facilmente manipulados pelo Estado. Seu interesse pela política contemporânea era muito grande, mas apesar disso especializou-se em História medieval, lugar de estudo onde tinha muita habilidade com as palavras. Realizou grandes pesquisas, dentre elas, uma de suas obras mais conceituadas e discutidas pelos historiadores, “Os reis Taumaturgos.”⁵⁴ Neste livro Bloch faz uma História de longa duração⁵⁵ passando pela Idade Média, tema que o próprio Bloch dominou de “psicologia religiosa”. Jacques Le Goff definiu o livro como sendo o precursor da antropologia histórica⁵⁶, e Georges Duby, em 1974, escreveu que este livro foi o primeiro que permite colocar Marc Bloch como o inventor da História das mentalidades.⁵⁷ Toda a formação acadêmica e pessoal contribuiu para que Lucien Febvre e Marc Bloch sentissem a necessidade de repensar a maneira com que produziriam seus discursos históricos. Pensaram logo de maneira interdisciplinar, agregando as demais ciências sociais à História. Para eles, era imprescindível o uso da Geografia, da Economia, da Sociologia e até mesmo a Psicologia para produzir uma História mais densa, com várias questões a serem exploradas no mesmo fato. E haveria um lugar para se dar esse encontro de ideias, e que mais tarde se transformaria em uma revista denominada “*Annales d’histoire économique et sociale*”, ou simplesmente a Escola dos *Annales*; este lugar foi a Universidade de Estrasburgo, na França, que nos anos pós Primeira Guerra Mundial havia se desanexada da Alemanha, favorecendo a uma renovação intelectual, ambiente de encontros diários entre os dois que duraram no período entre 1920 a 1933, período em que surge a Revista dos *Annales*, fundada e dirigida por Marc Bloch e Lucien Febvre.

Veremos, então, que a proposta inicial e que impulsionou a fundação dos *Annales* em 1929, é a recusa da História dita positivista. Dosse alerta que isso permitiu dar a continuidade e dar mais coesão ao movimento, ainda

54 BLOCH, M. **Os reis taumaturgos**. São Paulo, Companhia das letras. 1993.

55 Termo que seria usado por Fernand Braudel para descrever esta obra uma geração depois.

56 LE GOFF, J. Prefácio.in: BLOCH, M. **Os reis taumaturgos**. São Paulo, Companhia das letras. 1993.

57 BRONISLAW, G. **Marc Bloch, historien et résistant**, *Conférences Marc Bloch*, 1986, [en ligne], mis en ligne le 17 mai 2006. URL : <http://cmb.ehess.fr/document49.html>. Consulté le 11 septembre 2006.

coloca que, em se tratando desta luta contra o Positivismo na História, não está falando de um adversário perigoso, “*pois ele está praticamente morto.*”⁵⁸ A partir destes pressupostos, forma-se o núcleo efetivo do discurso historiográfico dos *Annales*, que dentro de suas limitações, ou ainda pelo menos relativizando, há uma grande porcentagem de recusa pelo relato factual, por exemplo, temas como: “Grandes acontecimentos da História”, os relatos políticos ou feitos militares.

4.5 OS ANNALES NO TEMPO DE BLOCH E FEBVRE

O grupo dos *Annales* segue nos anos 30 com ampla produção historiográfica e conexão da disciplina com outras ciências sociais. Lucien Febvre e Marc Bloch partem para lecionar em outras cidades. Febvre ocupa, a partir de 1933, uma cátedra do Collège de France, um dos mais prestigiados na França, e Bloch assume em 1936 a cadeira de História Econômica da Sorbonne, substituindo Hauser. Este ingresso dos fundadores dos *Annales* em instituições de Paris, mostra-nos claramente como o movimento obteve uma ótima repercussão. Peter Burke ressalva: “Levando-se em consideração a importância de Paris para a vida intelectual francesa, essas transferências são sinais evidentes do sucesso do movimento dos Annales.”⁵⁹

Os diretores dos *Annales* têm diferentes trajetórias, manifestadas quando o poder da guerra chega ao grupo por eles dirigido. Bloch é contrário à continuação da revista quando só poderia ser publicada segundo as condições nazistas, ou seja, a revista só poderia ser dirigida por franceses que não tivessem descendência judaica. Bloch em carta a Lucien Febvre indaga: “*Não creio que devemos admitir qualquer diferença de capitulação.*”⁶⁰ Mas Febvre estava convicto de que a revista deveria continuar: “*É necessário que os Annales continuem, é necessário.*”⁶¹ A publicação da revista continua, mas com

58 DOSSE, F. **A História em Migalhas: dos Annales a nova História.** São Paulo, EDUSC. 2003. p. 90.

59 BURKE, Peter. **A Escola dos Annales/ 1929-1989: a revolução francesa da historiografia.** São Paulo, UNESP. 1990. p. 37.

60 M. Bloch, carta a Lucien Febvre. Trecho contido in: DOSSE, F. **A História em Migalhas: dos Annales a nova História.** São Paulo, EDUSC. 2003. p. 93.

61 L. Febvre, carta a M. Bloch, ibd.

outro nome: *Mélanges d'histoire sociale* (Misturas de História social) e será publicada, assim, até 1944, seguindo as exigências nazistas, com o nome de dois diretores não israelitas na capa: Lucien Febvre e Pierre Leuilliot. Marc Bloch continua a colaborar na revista, mas em decorrência de sua descendência israelita, passa a usar o pseudônimo de Marc Fougères.

O papel social dos *Annales* deixa de ter peso no cenário político dos anos 30, isso pode ser constatado pela sua rejeição ao discurso político. François Dosse faz duras críticas a esse fato: “Ao recusar o discurso político, os *Annales* deixam de cumprir seu papel de revista de História, que deve esclarecer e ajudar a compreender os fenômenos contemporâneos.”⁶² De forma bastante enfática, Dosse continua suas críticas ao que chamou de “*lacuna dos discursos dos Annales*”⁶³, ainda mais pelo fato de que não se viu nada na revista sobre o fascismo ou nazismo, o que, segundo Dosse, serviu ao discurso do poder. Mas a sensibilidade esquerdista esteve sempre em evidência nos *Annales*. Lucien Febvre, em início de carreira, foi socialista fervoroso, embora isso não tenha sido motivo para os *Annales* se tornar um grupo de intelectuais marxistas. Certamente os aspectos sociais e econômicos estiveram sempre ao lado do discurso dos *Annales*, estes conceitos encontram-se muito próximo do marxismo⁶⁴, mas podemos dizer que a historiografia tida como marxista é ao mesmo tempo precursora e rival do paradigma dos *Annales*, ou seja, concordam em alguns aspectos, mas divergem em outros.

A inovação dos *Annales* está contida em uma via central entre o discurso historicizante e o discurso marxista. Deste ponto, seus paradigmas levam em conta os dois e, mais ainda, rompem com a História tradicional. Uma de suas grandes inovações que leva a revolução historiográfica de que Burke falou, é o fato de que os *Annales* romperam com uma concepção da História puramente com o seu objeto de estudo no passado, e passa a mostrar puramente sua influência com a Sociologia. A observar, também, a sociedade contemporânea com maior afinco, ao contrário da escola historicista que considerava a História como um estudo científico desvinculado do presente. Os *Annales* convidam todos os historiadores a

62 DOSSE, F. **A História em Migalhas: dos Annales a nova História**. São Paulo, EDUSC. 2003. p. 95.

63 *Ibid.*

64 Ver Capítulo 2.

colocarem-se a disposição do presente como forma de inspiração para estudar o passado. Marc Bloch fez uma interessante reflexão sobre o estudo, ou pelo menos compreensão, do presente: “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe sobre o presente.”⁶⁵ Esta análise diferenciada do tempo histórico, e estudos do tempo presente, dos *Annales* permitiram a construção de uma História problema, pois os historiadores adeptos desta concepção começaram a escrever a partir de um recorte de pesquisa ao qual já delimitava com base em suas próprias indagações, daí a História-problema.

Devido ao engajamento de Bloch na resistência contra o nazismo na II Guerra Mundial, e logo após então sua morte, ao ser preso e torturado em Montluc, é Febvre quem fica de fato na direção dos *Annales*. Mantém a característica de um paradigma historiográfico revolucionário da revista nos anos pós-guerra. Foi convidado a ser um membro na reorganização da *École Pratique des Hautes Études*, renomada instituição de ensino da França, que havia sido fundada em 1884. Tornou-se, mais tarde, delegado francês na UNESCO. Em 1947 cria a VI Seção da *École Pratique des Hautes Études*, onde foi reservado espaço dedicado exclusivamente às ciências sociais, e então se torna diretor do Centro de Pesquisas Históricas, na mesma seção. Foi nesta época que Fernand Braudel, a quem tinha muita estima e amizade, começou a ajudá-lo na administração, tanto no centro de Pesquisas Históricas, quanto nos *Annales*, e tornar-se-ia, então, o historiador que carregaria as ideias e os conceitos, apesar de introduzir os seus também, na segunda geração da revista dos *Annales*, após a morte de Febvre em 1955.

Os paradigmas historiográficos dos historiadores dos *Annales* estiveram sempre dentro de um empirismo espontâneo, ao qual Bloch e Febvre sempre souberam valorizar, me arrisco a dizer que este foi um dos fatos mais relevantes para o sucesso deste grupo, aliado a outros de mesma grandeza como a interdisciplinaridade com as demais ciências, por exemplo. Alargaram sua escrita através do antropocentrismo, ou seja, o homem como objeto principal da História. Mas não aquele mesmo homem que a História tradicional tratava: os grandes heróis, os homens que ocuparam os cargos

65 BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2002. p. 65.

mais responsáveis; mas trataram do homem do trabalho, do cotidiano, ou seja, o verdadeiro personagem social. A História dos *Annales* dos anos iniciais reflete as perturbações e mudanças que o mundo passava em sua época, torna sua prática consistente em explicar estas mudanças, e torná-las legíveis no seu núcleo de pesquisas. Marc Bloch e Lucien Febvre foram inovadores, também, pelo fato de preservarem seus estudos direcionados exclusivamente ao da mudança temporal global, e colocando no centro o homem, confrontando com metodologias e conceitos que, por vezes, estavam legitimados em importantes instituições. Mas este estudo dos “homens no tempo”, como bem assinalou Bloch⁶⁶, é o fator único e imperativo que dentre as ciências sociais, somente a História está capacitada a realizar.

Os *Annales* passam, então, de um pequeno grupo de historiadores revolucionários do princípio do século XX, a uma renomada escola historiográfica, que se tornou referência nos estudos da disciplina histórica até aos dias de hoje. A renovação de Marc Bloch e Lucien Febvre foi passada de geração a geração. No decorrer do século XX estiveram envolvidos na direção dos *Annales* historiadores como Fernand Braudel, Jaques Le Goff, Le Roy Ladurie, Jaques Revel, Marc Ferro, dentre outros. Hoje a direção de redação dos *Annales* conta com Jacques Poloni-Simard, e o comitê de direção conta com André Burguière, Jocelyne Dakhlia, Marc Ferro, Jean-Yves Grenier, Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie, André Orléan, Jacques Revel, Pierre-François Souyri, Laurent Thévenot, Lucette Valensi, Michael Werner e são publicados seis números por ano. E como bem definiu Peter Burke:

Os Annales começaram como uma revista de seita herética. É necessário ser herético, declarou Febvre em sua aula inaugural (...) Sob a liderança de Febvre os revolucionários intelectuais souberam conquistar o establishment histórico francês.⁶⁷

E hoje são referência aos estudos e compreensão que engloba todas as ciências sociais. Não há um curso de História que não dedique algumas horas, mesmo que em críticas, para debater a influência dos *Annales* na produção historiográfica que sucedeu a eles.

66 BLOCH, M. **Apologia da História ou Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2002.

67 BURKE, Peter. **A Escola dos Annales/ 1929-1989: a revolução francesa da historiografia**. São Paulo, UNESP. 1990. p. 43.

4. 6 A HERANÇA

O que caracteriza a obra historiográfica de Bloch e Febvre é a sua rejeição ao conceito tradicional de tempo histórico dominante de sua época, chamado por eles de positivista. Estes dois historiadores estão na tênue linha da revolução historiográfica que aconteceu no princípio do século XX, na França, isso pelo fato de que Febvre além de pertencer ao grupo dos novos historiadores dos *Annales*, também pertence à historiografia tradicional. Quanto a Bloch, este pertence exclusivamente a historiografia do século XX, que Le Goff chamou de “Nova História”⁶⁸, como mais legítimo fundador da revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Para José Carlos Reis “(...) foi Bloch quem de fato rompeu com o tempo histórico tradicional e deixou-se influenciar de maneira exclusiva pelas ciências sociais.”⁶⁹

Como constatamos em suas obras, Bloch sempre esteve ligado à Sociologia da escola durkheimiana, e isto veio, sem dúvida, influenciar em suas pesquisas históricas. Marc Bloch viu na sociologia um estudo direcionado ao homem enquanto sujeito que perceberia e estaria atrelado às mudanças em todas as camadas sociais, ou seja, aquilo que não estava contido na História positivista. Sob a influência da sociologia durkheimiana, Bloch tenderá a pensar estruturalmente as mudanças temporais, desfocando o evento em si. Em Bloch, percebemos um estudo realizado através do homem em grupos sociais, não dando ênfase a realizações individuais. Bloch diz que não se pode limitar a discernir os homens ou uma sociedade apenas em seus principais aspectos de atividade:

É preciso distinguir as diversas instituições que compõem um sistema político, as diversas crenças, práticas, emoções de que é feita uma religião. É preciso, em cada uma destas peças e nos próprios conjuntos, caracterizar os traços que ora os aproxima, ora os desviam das realidades de mesma ordem...⁷⁰

Apesar das suas influências, o tempo histórico em Bloch não é o mesmo da sociologia durkheimiana com características positivistas, ou

68 LE GOFF, Jacques. **A nova História**. São Paulo, Martins Fontes. 1990.

69 REIS, J.C. **Nouvelle Histoire e o tempo histórico, contribuição de Bloch, Febvre e Braudel**. São Paulo. Ática.p. 46.

70 BLOCH, M. **Apologia da História ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2002. p. 135.

seja, aquele tempo de ordens naturais; aplica-se nele uma observação em suas características, sem perder suas especificidades. Isto possibilitou a sua renovação historiográfica refletida nos *Annales*. Bloch analisa os fatos e trata das mudanças do tempo-histórico não através de uma análise quantitativa, mas sim de uma análise qualitativa. Estas observações de aspectos coletivos das mentalidades, ou inconscientes, permitiram a Bloch fazer uso de novos objetos para a História: as estruturas econômicas, agrárias, sociais, as representações coletivas ou individuais, as crenças, os costumes, etc. Na perspectiva de Bloch, é a mentalidade social que transforma as estruturas políticas, e não o oposto.

Para julgar ainda mais, se é que se faz necessário, a grande importância que se tem em estudar Marc Bloch para a formação acadêmica, ou apenas intelectual dos estudiosos das ciências humanas, analiso como a comunidade de historiadores e intelectuais procuram lembrar e prestar incessantes homenagens a este autor. Desde 1979 é realizada anualmente na França uma conferência em homenagem a este historiador. A *Conférence Marc Bloch* é promovida pela EHESS, École des Hautes Etudes des Sciences Sociales, em que cada ano um historiador é responsável pelos textos lidos na conferência. Alguns exemplos de intelectuais participantes são: Claude Lévi-Strauss, em 1983, Fernando Henrique Cardoso, em 1984⁷¹, Bronislaw Geremek, em 1986, Jacques Le Goff, em 1992, e diversos outros, ano a ano.

Bronislaw Geremek, em um texto da conferência chamado *Marc Bloch, historien et résistant*, lido por Jacques Le Goff, pois Geremek estava preso pela polícia polonesa, aponta que nem ele nem Bloch fugiram da História quando ela se apresentou a eles, pois ele estava fugindo do general Jeruzelski, e Bloch estava mercê do exército nazista quando foi torturado e morto em 1944⁷². Neste texto Geremek procura prestar algumas homenagens a Marc Bloch em comemorações aos 100 anos do nascimento deste historiador, o texto fora publicado em 1986 na revista dos *Annales*. Devido a importância dada a Marc Bloch pelos historiadores poloneses, vejamos esta citação em que Geremek transcreve sobre a importante

71 Falando sobre a transição da democracia na América Latina.

72 BRONISLAW, G. **Marc Bloch, historien et résistant**, *Conférences Marc Bloch*, 1986, [en ligne], mis en ligne le 17 mai 2006. URL : <http://cmb.ehess.fr/document49.html>. Consulté le 11 septembre 2006.

influência que Bloch representou para a historiografia polonesa:

A influência da escola dos *Annales* sobre os historiadores poloneses após a segunda guerra foi tão importante que as melhores produções da historiografia polonesa estão unidas à sua inspiração. Na sua radiação, formaram-se as gerações de historiadores poloneses do pós-guerra, e em especial a minha geração.⁷³

Bloch foi totalmente contra o pacto de Munique, em 1938, e favorável à Frente Popular contra o nazismo em 1936, não fuge a guerra, e aos 53 anos torna-se capitão, é quando escreve sua obra *A estranha derrota*, em que faz uma História do tempo presente, narrando o que presenciou nos campos de batalha.

Marc Bloch se fez um exemplo à parte de historiador. Foi autor de importantes obras da historiografia mundial, e ao lado de Lucien Febvre fundador da revista que fez uma revolução na historiografia mundial, os *Annales*. O que diferenciou este autor dos demais foi a sua grande percepção em entender a História como uma ciência que estava sempre em constantes mudanças em seus métodos, e levou o seu empirismo e sua subjetividade do saber como um fator importantíssimo em suas pesquisas, objetivando seus estudos naquilo que julgou o seu foco mais relevante de estudo: o homem e suas relações sociais através do tempo-histórico.

73 (ibid).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos referentes à teoria da História e historiografia fazem parte da formação individual de cada historiador. Vivemos em uma sociedade em que os historiadores ganham um papel cada vez mais relevante. Percebemos o crescente número de revistas sobre o tema, o aumento de conselheiros de Estado que vem do meio historiográfico. O historiador agora é chamado para explicar assuntos referentes a reconstituições da fragmentação de identidades, sobre a atualidade e sua efervescência global, esclarecendo aos meios de comunicação as causas para muitos problemas que o mundo enfrenta atualmente. Estas são, portanto, as novas funções do historiador, além de sua função tradicional de ativar a memória entre as gerações. E essa demanda de atividades que os historiadores se encarregaram tem toda a sua gênese na interdisciplinaridade da História com as demais ciências sociais. A partir das ideias de intelectuais como Marc Bloch e Lucien Febvre, a História fez-se uma disciplina muito mais abrangente no âmbito social, econômico e político. A memória, após os *Annales*, está fadada à controvérsia e à discussão, o que se tornou benéfico para a História, que assumiu o posto de mediadora de debates. A partir de então, a História não está mais comprometida com a estagnação dela própria, o seu diálogo pode ser reaberto a partir da memória do outro, que agora é ouvido.

É de senso comum entre os historiadores que disciplina histórica passa por tempos de incertezas nas décadas mais recentes, como Roger Chartier⁷⁴ afirma em seu artigo; ou que a própria revista dos *Annales* alerta em 1988: “A história, que havia baseado grande parte de seu dinamismo em uma ambição federativa, não é poupada por essa crise geral das ciências sociais.” O seu papel torna-se, então, o de explicar, o que antes

74 CHARTIER, Roger. **História hoje: dúvidas, desafios e propostas.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, FGV, vol. 7, no 13, 1994. P. 97-113.

servia apenas para a sociologia, gerando assim alguns agravantes nos debates entre teóricos da disciplina. Essas aproximações da História com as demais ciências sociais fizeram com que sua abrangência fosse maior, chegando a afirmar que tudo é História. Mas logo pensamos: se tudo é História, então por consequência a História não existe. Paul Veyne reabre uma grande discussão entre os historiadores e sociólogos, fazendo duras críticas à Sociologia:

A sociologia é uma pseudociência, originada das convenções acadêmicas que limitam a liberdade da História; sua crítica não é sequer uma tarefa epistemológica: é um trabalho para a História, para a História dos gêneros e convenções.⁷⁵

Mais adiante em seu texto, Veyne chega a afirmar que a Sociologia geral não seria mais que uma paráfrase da História, uma vez que seu objeto de estudo sempre acaba indo para o campo histórico. Creio eu que estes debates só têm a acrescentar para a produção historiográfica, ao passo que percebemos que a revolução gerada pela revista dos *Annales* só foi possível a partir destes tipos de discussões. Mas é indubitável que o historiador, hoje, deve pensar em uma concepção da histórica multiculturalista, e não descentralizada, apenas a partir de uma visão européia, como já havia alertado Marc Ferro, em 1983⁷⁶. O historiador dos dias atuais, por vezes, se vê em uma luta contra uma mídia que tenta industrializar e vender a História através de produções cinematográficas ou objetos do gênero.

Importa que, de alguma forma, as diversas perspectivas historiográficas que vimos surgir no século XX e XXI têm em algum grau uma influência do movimento produzido pelos *Annales*. Seja na forma de crítica ou de continuidade, a relação da História com as demais ciências sociais ganhara muito mais força desde então. Os historiadores do grupo da Nova Esquerda Inglesa aprofundaram o importante debate já feito por Bloch e Febvre a cerca da mudança de foco da História para os aspectos da chamada “História vista de baixo”, como J.P. Thompson e Perry Anderson, dando ênfase às questões inerentes aos movimentos populares, operários

75 VEYNE, P. **Como se escreve a História e Foucault revoluciona a História**. Brasília: 1998, p. 216.

76 FERRO, M. **A manipulação da História nos meios de ensino e nos meios de comunicação: a História dos dominados em todo o mundo**. São Paulo, Ibrasa. 1983.

e dos costumes produzidos por esses atores. A Nova História Cultural, com Lyn Hunt e a retomada da discussão do político, com René Rémond também representam essa faceta da interdisciplinaridade inaugurada pelos *Annales* e consolidada pelos historiadores que os seguiram. Os temas da História Ambiental, História Global e a virada Transnacional refletem também esse esforço de romper com os aspectos do tradicional nacionalismo metodológico, já discutido por Marc Bloch nos anos 1930 com algumas sinalizações para a História Comparada. Mesmo as críticas levantadas por Francois Dosse ao questionar a ideia de que com essa amplitude de possibilidades que o movimento dos Annales trouxe para a os historiadores produziu uma “História em Migalhas”, também significa um olhar atento para a importância do impacto que este grupo criou na historiografia.

Não foram apenas novas metodologias que se colocaram em jogo a partir destas mudanças factuais da História, mas sim a própria ânsia de saber de uma determinada sociedade. O que constatei neste estudo acerca dos métodos aplicados a cada recorte temporal em que a História foi produzida, é que em cada mudança metodológica procurou-se observar quais eram os anseios e problemas em que o seu mundo estava envolvido. O recorte do estudo historiográfico passa além da compreensão entre passado-presente, mas deve servir também para uma melhor inteligibilidade de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Companhia das letras. 1993.

____. **Apologia da História ou Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.

____. **A terra e seus homens**. São Paulo: EDUSC. 2000.

____. **Histórias e historiadores**. Textos reunidos por Étienne Bloch. Lisboa: Teorema, 1998.

BOURDÉ, Guy. MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Portugal: Fórum da História. 1983.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva. 1992. BURGUIÈRE, André (Org.). **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro: Image. 1986.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales/ 1929-1989: a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP. 1990.

____. (org.). **A escrita da História, novas perspectivas**. São Paulo: UNESP. 1992.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes. 1996.

CHARTIER, Roger. **História hoje: dúvidas, desafios e propostas**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, vol. 7, no 13, 1994. P. 97-113.

____. **A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: UNB. 1994.

____. **Historia cultural, entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990.

DOSSE, François. **A História**. São Paulo: EDUSC. 2000.

____. **A História em Migalhas: dos Annales a nova História**. São Paulo: EDUSC. 2003.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1967.

FEBVRE, Lucien. **Face ao vento. Manifesto dos Anais Novos (1946)**. In: MOTA, C. G. (Org.). “História”. Lucien Febvre. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **Combates pela História**. Lisboa: Editora Presença, 1989.

FERRO, Marc. **A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação: a História dos dominados em todo o mundo**. São Paulo: Ibrasa. 1983.

GEREMEK, Bronislaw. **Marc Bloch, historien et resistant**. Disponível em: <http://cmb.ehess.fr/document49.html> acesso em 10 de setembro. 2006. GLÉNISSON, Jean. **Iniciação aos estudos históricos**. Rio de Janeiro: São Paulo, DIFEL. 1977.

HOBSBAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das letras. 1997.

HUNT, Lynn. **A nova historia cultural**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

LE GOFF, Jacques. **A nova História**. São Paulo: Martins Fontes. 1990.

_____. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP: 1992.

_____. NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1988.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret. 2005.

PURDY, Sean. **A história comparada e o desafio da transnacionalidade**. Revista de História Comparada. Rio de Janeiro, vol. 6, n. 1, p. 64-84, 2012.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales, a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

_____. **Nouvelle Histoire e o tempo histórico, contribuição de Bloch, Febvre e Braundel**. São Paulo: Ática.

_____. **História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: FGV. 2005.

RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1989.

SEIGEL, Micol. **Beyond the Compare: Comparative Method after Transnational turn.** *Radical History Review*, 2005.

SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social.** São Paulo: EDUSC. 2000.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. **Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia** *Modern Asian Studies*, Vol. 31, No. 3, Special Issue: The Eurasian Context of the Early Modern History of Mainland South East Asia, 1400-1800. (Jul., 1997), pp. 735-762.

TÉRTARTI, Philippe. **Pequena História dos historiadores.** Bauru: EDUSC, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro-História: os protagonistas anônimos da História.** Rio de Janeiro: CAMPUS. 2002.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foulcault revoluciona a história.** Brasília: UNB. 1998.

